

**MULHERES QUE IMIGRAM ATRAVÉS DA ACADEMIA – REFLEXÕES
ACERCA DA TRAJETÓRIA DE UMA MULHER BRASILEIRA IMIGRANTE
DOUTORANDA NA EUROPA**

**WOMEN WHO MIGRATE BY MEANS OF ACADEMIC STUDY -
REFLECTIONS OF A FEMALE BRAZILIAN DOCTORATE STUDENT
IMMIGRATING TO EUROPE**

Resumo

O presente trabalho propõe-se discutir, a partir de considerações pessoais acerca da minha trajetória acadêmica, da minha tese de doutorado e da minha própria identidade enquanto mulher-imigrante-brasileira, questões relacionadas aos estudos feministas e a prática acadêmica. O ponto de partida são as contribuições dos movimentos feministas pós-coloniais, das metodologias feministas e da reflexão acerca do lugar que ocupo enquanto mulher imigrante brasileira acadêmica em Portugal. Seu fio condutor é a indagação sobre como é possível, a partir desse lugar, produzir conhecimento engajado e crítico, que contribua para o projeto de emancipação feminina. Ao mesmo tempo, aborda alguns dos problemas que as mulheres imigrantes brasileiras enfrentam em Portugal, cruzando com minha experiência e percepção pessoal. Metodologicamente utilizo-me de uma revisão bibliográfica acerca dos temas: gênero e imigração e da autoreflexividade proposta pelos estudos feministas.

Palavras-chave: Feminismo. Academia. Migração. Mulheres brasileiras.

Abstract

This paper aims to discuss, based on personal considerations (gathered throughout my academic life), my PhD dissertation, and my own identity as a Brazilian immigrant woman, issues related to feminist studies and academic practice. The starting points are; the post-colonial feminist movement, feminist methodologies, and personal reflections on my condition as an immigrant woman in Portugal. The main conduit is the question of how it is possible, from this perspective, to produce critical and engaged knowledge that contributes to the feminine emancipation project. At the same time, I discuss some of the problems faced by Brazilian women immigrating to Portugal, this, considering my own experience and perception. Methodologically, I turn to a review of the literature on the themes of gender, immigration, and self-reflection as proposed by feminist studies.

Keywords: Feminism. Academic. Migration and Brazilian Women.

Thais França

Doutoranda no Centro de Estudos Sociais. Universidade Coimbra. Portugal

E-mail: francathais@yahoo.com.br

Introdução

Ao longo de minha carreira acadêmica tenho advogado por uma igualdade não opressora e não homogeneizadora, mas emancipatória, ligada aos ideais da mudança social, em que há espaço para as diferenças, sem que elas sejam compreendidas como desigualdades, nos modos em que nos ensina o Professor Boaventura Santos em sua obra. Dessa forma, meus escritos, assim como minha prática e discurso, vão menos no sentido de afirmar a superioridade de um gênero sobre o outro; almejam, antes de tudo, contribuir para o entendimento de que diferenças não podem justificar opressões, dominações, discriminações ou segregações. Nesse sentido, reconheço na poesia de Ferreira Gullar (1987) versos irretocáveis para dar início a discussão que intenciono, acredito, igualmente, que a poesia nos permite uma *experiência* no sentido que Brah (2006: 317) nos traz, não como um acesso direto a uma verdade incontestável, mas como uma prática de significação em constante tensão que nos permite acessar outras práticas, outros discursos, isto é, a experiência como um lugar de formação de sujeito que possibilita deslocamentos de afetos e emoções. No mais, compartilho da ideia de que uma dimensão autobiográfica sempre está presente no processo de construção do conhecimento (Cunha, 2011) e **uma parte de mim é poesia.**

Traduzir-se

Uma parte de mim é todo mundo:

outra parte é ninguém:

fundo sem fundo.

Uma parte de mim é multidão:

outra parte estranheza e solidão.

Uma parte de mim pesa, pondera:

outra parte delira.

(...)

(Gullar, 1987: 437)

A crítica literária reconhece no referido poema de Gullar uma reflexão acerca da função social da arte “A arte torna-se essa tentativa de tradução dos enigmas de nosso tempo, nem sempre elucidáveis” (Melo, 2005: 8). Considero, contudo, que a classificação de um texto literário não é estanque, não sendo possível congelá-lo dentro de interpretação única. A meus olhos, o poema é um excelente caminho para iniciar um debate sobre identidades, retrata de forma impecável a ideia de identidade como uma multiplicidade de experiências complexas e por vezes contraditórias em que uma panóplia de variáveis se alterna (Butler, 2003). Corroborar também com a visão de Brah (2006) para quem as identidades não são fixas nem singulares, mas sim uma multiplicidade relacional em constante mudança. Tais questionamentos acerca da identidade formam o fio principal que conduz minhas atuais inquietações acadêmicas.

Buscando contribuir para a construção de um conhecimento feminista engajado e crítico, com base nas metodologias feministas, coloco meu próprio lugar de investigadora e minha identidade como objetos de análise. Almejo com isso ilustrar alguns dos pressupostos das epistemologias feministas em relação à impossibilidade de se fazer uma ciência neutra, apolítica e distante dos sujeitos. Compreendo que a produção de conhecimento, assim como toda atividade humana, é um ato político e que, portanto, a escolha de determinados pressupostos teóricos e metodológicos traz consigo vários aspectos ideológicos que não podem ser desconsiderados (Narvaz & Koller, 2006). Posto isso, explicitar o lugar político de onde se fala, bem como as ideologias que sustentam as investigações, mostra-se como uma condição fundamental para a construção de uma ciência comprometida com a mudança social.

Atualmente sou uma mulher imigrante brasileira doutoranda em Portugal e investigo a inserção de mulheres brasileiras no mercado laboral português, especificamente em atividades ligadas a atendimento, serviços e vendas. É dentro do programa de doutorado

em Sociologia “Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo” do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra que desenvolveu minha tese intitulada *Lindas Mulatas com Rendas de Portugal: A inserção das mulheres brasileiras no mercado de trabalho português* a ser apresentada em Outubro de 2012. Se por um lado estudar a inserção dessas imigrantes em postos pouco qualificados foi uma opção metodológica que objetivava analisar e compreender o impacto da precarização do mercado laboral no fenômeno de feminização da imigração; por outro, tratou-se quase que de uma obrigatoriedade, visto que é principalmente nesses setores que se insere a maior parte das brasileiras (Padilla, 2007).

Identifico no processo de desmantelamento do mercado de trabalho, no aumento dos fluxos migratórios, nos dispositivos de segregação sexual e étnico-racial algumas das causas para a legitimação da inserção laboral precária, excludente e opressora que as brasileiras experienciam. Ainda a esse processo, soma-se a existência de um sistema de dominação (pós)colonial que inferioriza e subalterniza essas mulheres, resultando num aumento das desigualdades e injustiças sociais a que são expostas.

Diante disso, pareceu-me ainda mais urgente estudar a realidade de tais imigrantes na sociedade portuguesa, uma vez que, tal qual van Dijk (2010), situo meus estudos ao lado dos segmentos oprimidos e invisibilizados, tendo como meta explícita produzir conhecimento crítico e situado em favor dos grupos dominados da sociedade. Por compreender que a produção de conhecimento jamais pode ser isolada de pressupostos políticos, assumo, a posição clara de que as contribuições que trago não são neutras, minha perspectiva de investigação e ação é a partir de seus interesses – nesse caso específico, as mulheres brasileiras imigrantes trabalhadoras. Respalhada no entendimento de que “uma perspectiva crítica e socialmente comprometida não implica em menor rigor na pesquisa” (van Dijk, 2010: 16), assumo minha identidade híbrida enquanto cientista e militante

feminista engajada com mudança social.

Mais ainda, identifico meu lugar naquilo que Mohanty (2003) descreve como sendo uma minoria social que goza de privilégios, mas que optou por posicionar-se junto a “dois terços do mundo”. Coloque-me, pois, ao lado das mulheres imigrantes humilhadas e oprimidas que por motivos econômicos deixam suas famílias para cuidar de outras; que por conta de desastres ambientais são obrigadas a abandonar suas vilas e seus modos de vida; que por questões políticas ou religiosas não recebem proteção do seu próprio Estado, mas que por serem sujeitos ativos de sua história encontram na imigração uma possibilidade de resistência e de reinvenção de suas biografias.

Comprometo-me ainda a seguir as orientações feministas mais engajadas que apontam para a necessidade de uma articulação verdadeira e igualitária entre as mulheres que se encontram produzindo saberes acadêmicos e aquelas cujo conhecimento advém da militância no campo (Mohanty, 2003), reconhecendo ambos como lugares privilegiados e igualmente válidos de produção, circulação e de aceitação de conhecimento, teorias e práticas feministas.

A produção de saber a partir de uma perspectiva feminista afasta-se de pressupostos universais e totalizantes, pauta-se na aceitação de uma compreensão parcial dos fenômenos. São teorias que “não pretendem esgotar a realidade, isto é, procuram para além do que está explícito e não se contentam com o que conseguem enxergar e explicar” (Cunha, 2011: 71), pois reconhecem a fluidez do fenômeno social e a impossibilidade de aprisionar a realidade em pressupostos teóricos rígidos e imutáveis. Sustentam uma postura de constante alertar e indagações, garantindo assim, a criticidade de suas análises.

A entrada das epistemologias feministas nas ciências sociais abalou antigos alicerces do saber, ao denunciar quanto a “ciência moderna” é opressora, limitadora e androcêntrica (Neves & Conceição, 2005), denunciou também seu caráter excludente

e conservador que, ao estar pautado em categorias masculinas e eurocêntricas de pensamento, invisibiliza e diminui a experiência social das mulheres e de tantos outros atores (Oliveira, 2008). As críticas feministas aos modelos científicos clássicos demonstram o quão infecunda é a busca pela objetividade e neutralidade, apontam para a urgência da construção de uma ciência mais responsável, igualitária e democrática, contribuindo, dessa forma, para aquilo que Santos (1994) chama de “transição paradigmática do conhecimento regulação para o conhecimento emancipatório”.

As teorias feministas e algumas considerações sobre mulheres brasileiras

Investigar a inserção de mulheres brasileiras no mercado de trabalho português leva-me, forçosamente, a refletir acerca do meu lugar de mulher brasileira imigrante, resgatando, dessa maneira, mais um dos contributos trazidos pelas metodologias feministas: o papel das experiências subjetivas e biográficas na produção de um saber crítico e situado.

Ultimamente tenho pensado se estar em Portugal enquanto investigo a dinâmica migratória e laboral de brasileiras não poderia enquadrar-se, metodologicamente, como uma espécie de observação participante *full time*, visto que com frequência passo por experiências de discriminação e opressão, seja pela minha condição de mulher, ou de imigrante, ou de mulher imigrante, ou de mulher brasileira.

É verdade que as colocações de Brah (2006) acerca da relação entre biografia e história coletiva fazem-me lembrar que as identidades coletivas não são redutíveis à soma das experiências individuais. Reconheço também que minha história pessoal não pode ser representativa de toda a experiência das imigrantes brasileiras, principalmente, porque tenho que admitir que gozo de uma situação privilegiada enquanto imigrante regularizada estudante de doutorado, o que não acontece com a maioria das

mulheres que tenho entrevistado e visto pelo país. Porém, em várias circunstâncias sou, antes de tudo, “mais uma mulher brasileira imigrante” e não “uma estudante de doutorado”, de forma, que também vivencio situações de preconceito e discriminação.

Assim, pergunto-me como traduzir academicamente tudo que vejo, ouço e sinto ao longo da minha estadia em Portugal, uma vez que acredito que essa experiência não deveria ser desperdiçada. E foi nos debates acerca da autorreflexividade, oferecidos pelas metodologias feministas, que encontrei espaço para incorporar minhas próprias experiências e sustentar a relevância de minhas observações e considerações pessoais nas análises que empreendo. Tal como Cunha (2011) compreendo a autorreflexividade não como um conhecimento em si mesmo, mas sim como uma possibilidade de indagar a realidade a partir do nosso próprio lugar de enunciação, indo além dos pressupostos teóricos e abrindo caminho para que o emocional, o experimentado e o sentido contribuam para a construção de saberes responsáveis. A autora alerta ainda para o fato de que, se por um lado essa metodologia mostra-se como uma possibilidade inovadora e abrangente de pensar a realidade e o fenômeno social, por outro é uma atividade que requer uma elevada atenção e crítica para que seu produto não seja apenas uma descrição pessoal e que a tradução de seus resultados aconteça de forma útil e inteligível para quem os recebe. Exige-se, portanto, rigor de análise, mas que não se traduz necessariamente em rigidez e inflexibilidade como as ciências modernas propõem que sejam seus métodos.

Uma das maiores contribuições que identifico na autorreflexividade é a possibilidade de pensar criticamente acerca das consequências da minha presença no processo de investigação e, permanentemente, reavaliar minha postura de cientista: “estou eu realmente agindo a serviço da mudança social?”. Com base nessa lógica, analiso de maneira constante minha relação enquanto sujeito empírico e sujeito epistêmico, o conhecimento que

aporto para esse trabalho não surge de maneira isolada e independente, traz consigo minhas crenças e ideologias. Invariavelmente, pergunto-me a quem serve o que tenho produzido, tenho eu tido uma responsabilidade genuína com o conhecimento que tenho trabalhado, a quais relações desiguais de poder estou submetida e como me posiciono em cada uma delas? Essas são indagações para as quais as respostas não aparecem facilmente e que acompanhar-me-ão ao longo de todo meu percurso acadêmico e científico, garantindo dessa forma que eu não perca a criticidade.

Ao mesmo tempo, por considerar urgente a necessidade de mais enfoques feministas nos estudos acerca da imigração, tomei para mim a responsabilidade e o compromisso de que meus escritos tivessem esse caráter. Segundo o relatório da ONU (2011), atualmente as mulheres representam 49% da população imigrante no mundo, e no caso específico da Europa a realidade não é muito diferente, em 2009 as imigrantes do sexo feminino representavam 48% do total de imigrantes no continente (Eurostat, 2012). Porém, a importância dos estudos acerca dos deslocamentos geográficos femininos não se dá apenas pelo aumento dos números, que atualmente tornam-se impossíveis de serem negados, mas principalmente porque os deslocamentos das mulheres através do globo implicam em uma nova concepção dos modelos migratórios (Juliano, 2001).

Embora os estudos acerca das mulheres imigrantes tenham crescido bastante, continuam sendo um espaço marginal, como tantos outros campos de saber acerca do feminino, segundo Narvaz & Koller (2007:120) “o preconceito e a marginalização imputado aos estudos feministas e de gênero tem sido apontados por diversas pesquisadoras, o que se constitui em importante obstáculo a sua legitimação acadêmica”, social e política. De um lado há os estudos que se propõem a ser específicos de mulheres e por outro há aqueles que continuam a tratar de imigrantes como se não tivessem sexo, referindo-se na maioria dos casos aos homens, as mulheres aparecem como

exceções, casos interessantes de serem analisados ou nos apêndices. Porém, estudos feministas acerca de mulheres imigrantes vão além de realizar pesquisas com homens e mulheres concluindo que há diferenças entre ambos. É preciso buscar conhecer as causas para essas diferenças, situando os diversos mecanismos de segregação e exclusão aos quais as mulheres estão submetidas e que os homens passam ao largo. É preciso repensar os motivos que levam esses “novos” sujeitos (e novos entre aspas, porque as mulheres sempre estiveram em movimento) a migrarem, que consequências têm para os países envolvidos, quais suas implicações nas dinâmicas de gênero atuais (Kofman, 2000; Piper, 2007).

Imigração Brasileira

Até os dias de hoje, o Brasil é exibido em Portugal como um lugar exótico, com a natureza abundante, clima quente e praias paradisíacas. Vê-se o Brasil como os versos da música de Jorge Ben (1969, faixa 5) “país tropical e bonito por natureza... em fevereiro tem carnaval”. Ressalta-se sempre o futebol, o carnaval, a festa, o ritmo, a simpatia e as mulheres.

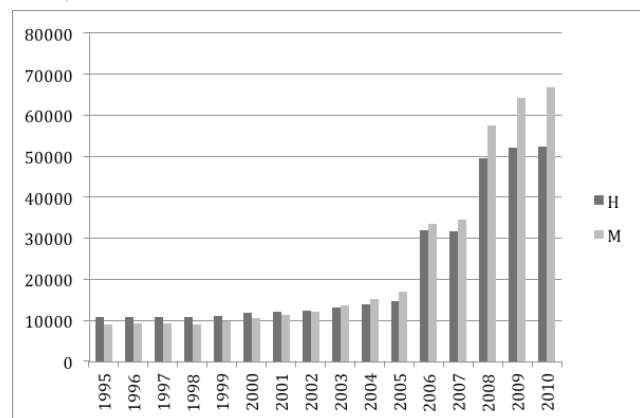
Da mesma forma como Said (1996) afirma que o Oriente é uma invenção Ocidental, estando desde a antiguidade presente em descrições místicas e exóticas, diria que o Brasil passa por um processo semelhante de orientalização em Portugal. Apesar de geograficamente ser parte do Ocidente, o Brasil foi transformado pela ex-metrópole europeia em seu outro. Ainda hoje, há em Portugal uma prática discursiva de dominação pós-colonial em que diferentes mecanismos de desqualificação atuam, difundindo concepções opressoras, estereotipadas em relação aos/as imigrantes brasileiros/as.

Nos últimos trinta anos a imigração do Brasil para Portugal intensificou-se bruscamente, de forma que hoje a nacionalidade brasileira desponta como a mais representativa entre as comunidades imigrantes (26,81%) (SEF, 2011). De uma presença silenciosa

entre os finais dos anos 70 e início dos anos 80, atualmente a população brasileira se faz ouvir por todos os lugares do território português. Brasileiros e brasileiras estão por toda parte. É impossível subir (ou descer) alguma das incontáveis ladeiras lisboetas, tomar um café no Algarve ou comer uma “francesinha” em alguma tasca no Porto sem ouvir o sotaque brasileiro.

A imigração de mulheres brasileiras começou a ter mais relevância em meados dos anos 90 e intensificou-se profundamente nos últimos vinte anos, de forma que, hoje em dia, a feminização da imigração brasileira para Portugal apresenta-se como tendência. De acordo com os dados oficiais do SEF, elas representam 56,3% da população brasileira residente no país e constituem 30,44% do total da população feminina imigrante (SEF, 2011).

Gráfico -1. Imigração Brasileira para Portugal por Sexo, SEF-2010.



Fonte: Dados do SEF, 2010.

Os fatores que contribuíram para o aumento dessa imigração são muito semelhantes àqueles identificados para a intensificação do fluxo migratório feminino em geral: processos de emancipação e autonomia das mulheres em todo o globo, aumento de postos de trabalho pouco qualificados, entrada das mulheres no mercado de trabalho, precarização das relações laborais, desenvolvimento dos setores de serviço e carência de aparelhos estatais para o cuidado de crianças, pessoas com deficiência e

idosas (King & Zonti, 2000; Kofman, et al. 2000). Ou seja, o desenvolvimento de um setor de serviços precarizado, pouco qualificado, instável e com baixo reconhecimento social somado ao aumento da demanda de serviços domésticos, limpeza e cuidado devido à entrada massiva das mulheres autóctones no mercado laboral externo à família e ao enfraquecimento do Estado de providência podem ser identificados como os principais motivos para a intensificação dos deslocamentos de mulheres brasileiras para Portugal (Padilla, 2005; 2007). Porém, nesse caso específico, chama a atenção a presença significativa dessas imigrantes no setor de atendimento, principalmente em atividades relacionadas a vendas, restauração, entretenimento e turismo.

Outro aspecto fundamental a ser considerado, relaciona-se com o lugar ocupado pela população brasileira na dinâmica da hierarquia social em Portugal. Segundo Machado (2007) e Padilha (2005), as imigrantes vindas do Brasil ocupam um lugar simbólico privilegiado em relação às africanas, porém inferior às europeias vindas do chamado “Leste Europeu”. Essa hierarquização ilustra como a organização das populações imigrantes segue ainda o padrão da antiga ordem imperial. Contudo, no caso dessas mulheres, o lugar intermédio reservado a elas está ancorado, principalmente, no imaginário da mulata exótica, reforçando os mecanismos de dominação colonial e de segregação sexual e racial.

A maneira como a mídia portuguesa representa essas mulheres também contribui para o fortalecimento de um imaginário sexista e repleto de estereótipos e estigmas (Pontes, 2004). Trata-se de um discurso que reforça a imagem das brasileiras como sensuais, dotadas de uma corporalidade específica e disponíveis sexualmente, reproduzindo, portanto, a figura da mulata erotizada (Piscitelli, 2008). Para, além disso, em geral, as temáticas mais abordadas pelos meios de comunicação sobre brasileiras estão relacionadas à prostituição, tráfico de mulheres, situação de violência e exploração no trabalho; ilustradas com, imagens

apelativas de mulheres em poses provocantes, com expressões sensuais e roupas sedutoras (Pontes, 2004; Cunha, 2005). Isto é, a mulher brasileira reproduzida pelo discurso dominante da mídia, e por vezes das próprias instituições políticas, ainda é a mestiça construída com base no imaginário colonial, que acaba por estereotipar essas mulheres como um “outro” diferente e inferior.

É dentro dessa lógica que se dá a subordinação a qual muitas brasileiras estão submetidas em Portugal. Por um lado, há uma produção de um discurso midiático e político que conserva a tônica colonial e que exerce uma função opressora sobre elas, apresentando-as como hiperssexualizadas e exóticas. Por outro, por conta do desmantelamento do mercado de trabalho e das práticas de segregação sexual e racial, elas são relegadas a ocupações mais precárias, com baixo prestígio social, baixa remuneração, horários estendidos e demais tipos de exploração, constituindo assim um grupo social vulnerável e segregado.

Não quero dizer que as brasileiras são ingênuas e que não sabem do lugar sexualizado que ocupam. Elas sabem e usam desse lugar para obter empregos, ter acesso a outras facilidades e inserir-se socialmente, ainda que de maneira marginalizada, reconheço, portanto, sua capacidade de ação. Porém, identifico nesses mecanismos uma forma de biopoder, em que não apenas o corpo, mas os próprios processos de subjetivação são controlados (Foucault, 1993). O fato de que elas saibam do lugar que ocupam e que se utilizem dele para obter aquilo que necessitam, para mim, não significa que elas sejam livres ou emancipadas. Não compreendo que agir de maneira a reforçar estereótipos sexistas, que, inevitavelmente levam a um processo de subalternização e a práticas de violência simbólica, trata-se de uma forma de escolha ou um opção. Penso que configura-se, pois, como uma prática de controle ainda mais sutil e perversa.

Pelo que tenho analisado do discurso das

brasileiras que entrevistei, elas identificam o que as aprisiona como sendo uma vantagem ou algo positivo. Ou seja, a associação ao corpo e a uma imagem hiperssexualizada, colocando-as como objetos sexuais a serem consumidos, é visto como algo para se orgulhar, um elogio. Elas repetem de forma acrítica o discurso dominante, acreditando que a tão aclamada “beleza, simpatia e sensualidade” confere-lhes um estatuto superior em relação às demais imigrantes e às portuguesas, sem perceber as práticas de dominação aos quais estão submetidas.

Além disso, o discurso de que as mulheres brasileiras trabalham nos referidos setores porque são mais “simpáticas, atenciosas e cuidadosas” esconde os reais motivos que justificam essa inserção: longas horas de trabalho, baixos salários, péssimas condições laborais, altos níveis de exploração, falta de proteção da ação sindical e a segregação racial fortemente arraigada na sociedade portuguesa (Padilla, 2005). Ou seja, o discurso dominante somado às condições do mercado de trabalho não apenas oprime, como também, dociliza essas mulheres.

O que fazer diante dessa realidade?

O momento da escrita deste artigo é bastante oportuno para suscitar provocações acerca de como articular ciência e política, academia e militância. Em 2011, foi veiculado no canal de televisão português Rádio e Televisão de Portugal (RTP) uma animação gráfica na qual uma das personagens é uma mulher, de nome Gina, que corresponde a todos os estereótipos da brasileira em Portugal: voz sexy, roupas sensuais, comportamento e discurso sexualizado (Figura 1).

O vídeo aproxima-se de uma série situações recentes da mídia portuguesa nas quais a figura da mulher brasileira é associada de forma direta à hiperssexualidade, como por exemplo, a matéria veiculada pela revista FOCUS - Portugal em agosto de 2010 (Figura 2), uma peça publicitária da academia de ginástica Holmes Place-Health club (Figura 3), e

do Guaraná Antártica (Figura 4) dentre tantas outras.

Atenho-me um pouco mais detalhadamente ao programa de televisão e à matéria da referida revista. O programa chama-se “Café Central”, é exibido de segunda-feira à sexta-feira e, segundo os/as criadores/as, propõe-se a tratar de forma satírica questões relacionadas com o cotidiano português. Passa-se em um café onde, regularmente, as cinco personagens encontram-se: Gina, Águas, Félix, Silva e Conde. Gina é a única mulher, fala com sotaque brasileiro e todo seu comportamento e discurso tem conotação sexual: “*Se fosse eu a mandar no destino do país, seria tudo a base de sexo. Esqueçam as privatizações, comigo o negócio são as sexualizações*”, diz ela em um dos programas ao explicar sua proposta para a saída da crise econômica portuguesa.

Já a matéria da Revista Focus tinha início com as seguintes frases de capa: “Eles adoram-nas. Elas odeiam-nas”, “O segredo da mulher brasileira”, “2216 casamentos com portugueses só em 2009”, “Os dez mandamentos que usam para seduzir os homens”. A fotografia de fundo trazia uma mulher sem rosto, dotada de um corpo perfeito e escultural, dando a entender que em Portugal a identidade da mulher brasileira é seu corpo. A matéria aborda a questão dos casamentos mistos entre brasileiras e portuguesas de uma forma repleta de clichês e de estereótipos – “o carnaval dura, dura, dura” – e continua com imagens que mostram, principalmente, corpos desnudos, ambientes festivos, praias e carnaval. Apresenta dois quadros que fazem alusão aos “mandamentos para aprender a ser sedutora – ser uma rainha do sexo e do amor” e dicas de “A a Z para um relacionamento mais feliz – nunca rir ou recriminar as atitudes sensuais, eróticas ou afetivas do outro”. Tais exemplos ilustram as análises de Pontes (2004) apresentadas anteriormente, acerca de como a mídia portuguesa atua na construção de uma imagem sexualizada da imigrante brasileira, veiculando um certo tipo de representação que essencializa e erotiza essas mulheres.

Foi então que, movida pela responsabilidade de uma prática científica engajada e que contribua para a promoção da mudança social, adotei explicitamente a postura feminista crítica em meus escritos acadêmicos e na minha prática cotidiana. O compromisso pessoal por mim assumido foi o de levantar, em todos os eventos científicos do quais participo e também em conversas cotidianas a discussão acerca das formas de opressão as quais as imigrantes brasileiras estão expostas, ou seja, criar espaços de militância, engendrar questionamentos, fabricar resistências, denunciar desigualdades. A diferença, sutil, porém, marcante nessa postura, é que não se trata apenas de descrever as opressões as quais essas mulheres estão submetidas, mas encarrega-se de apontar de onde surgem tais opressões, quais suas causas, suas consequências e que caminhos outros são possíveis de serem trilhados para a desconstrução dessa realidade.

Para as epistemologias feministas, a produção de conhecimento dá-se em todas as situações de luta e discussão. Assim, tenho procurado deixar que as interpelações das mulheres que entrevistei e também daquelas com quem cruzo no dia a dia conduzam parte das minhas investigações, dos referenciais metodológicos e teóricos, porque o campo é um espaço vivo e rico de outros saberes.

Reconhecer-me como brasileira imigrante em Portugal, implicar minha biografia em minhas análises, demarcar minhas posições políticas e abrir mão do lugar de suposto saber absoluto que a ciência moderna e a academia clássica insistem em sustentar, sem ignorar a importância do rigor científico são algumas outras características da minha prática de investigação atual inspiradas nos ensinamentos dos feminismos mais engajados.

Contudo, ainda me pergunto se será isso suficiente para a construção de um diálogo maior entre ciência e prática, teoria e ação. É isso o que se entende pela criação de um conhecimento militante que vai além dos muros das Universidades? Ir às ruas e envolver-se de forma íntima com suas próprias questões, basta

para descolonizar o saber? Acredito que essas perguntas, assim como tantas outras, mais do que respostas devem levar a reflexões profundas, mas reconheço que é partir deste tipo de prática que se pode dar início a construção de um saber crítico e comprometido com a mudança social, contribuindo para a construção de uma ciência e uma sociedade mais responsável e democrática.

FIGURAS

Figura 1



Figura 3



Figura 2



Figura 4



Agradecimento

À Teresa Cunha pela leitura atenta e contribuições preciosas para esse artigo.

Referências

- BRAH, Avtar. (2006). “Diferença, diversidade e diferenciação”. *Cadernos Pagu*, 26, p. 329-376.
- BUTLER, Judith. (2003). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CUNHA, Isabel. (2005). “Mundos Imaginados: As brasileiras e nos Media em Portugal”. In: ANAIS DO XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Rio de Janeiro: UERJ. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18430/1/R0301-1.pdf>>
- CUNHA, Teresa. (2011). *Para além de um Índico de desesperos e revoltas. Uma análise feminista pós-colonial das estratégias de autoridade e poder das mulheres de Moçambique e Timor-Leste*. Tese (Doutorado em Pós-Colonialismos, Cidadania Global – Programa de Doutorado em Pós-colonialismos e Cidadania Global), Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, mimeo.
- DIJK, Teuan van. (2010). *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto.
- GULLAR, Ferreira. (1987). *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- FOUCAULT, Michel. (1993). *A história da Sexualidade I*. Rio de Janeiro: Graal.
- JULIANO, Dolores. (2000). “Mujeres estructuralmente viajeras: estereotipos y estrategias”. *Papers*, 60:381-389.
- KING, Russel & ZONTI, Elisabetta. (2000). “The role of gender in the South European”. *Papers*, 60:35- 52.
- KOFMAN, Eleonora. et al. (2000). *Gender and International Migration in Europe - Employment, Welfare and Politics*. London: Routledge.
- MACHADO, Igor José Renó. (2007). “Estereótipos e preconceitos na experiência dos imigrantes brasileiros no Porto, Portugal”. *Travessia*, 51: 42-50.
- MELO, Cimara Valim. (2005). “A resistência poética de Ferreira Gullar”. *Revista eletrônica Nau Literária*, 01, 01-09, jul/dez.
- MOHANTY, Chandra Talpade. (2008). “De vuelta a ‘Bajo los ojos de Occidente’: la solidaridad feminista a través de las luchas anticapitalistas”. In: SUÁREZ, Liliana & HERNÁNDEZ, Rosalva Aída. (eds.) *Descolonizando el feminismo: Teorías y prácticas desde los márgenes*. Madrid: Cátedra, p. 407-464.
- NARVAZ, Martha Giudice & KOLLER, Silvia Helena. (2006). Metodologias feministas e estudos e gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, v. 11, n 3, p. 647-654, set/dez 2006.
- NEVES, Sofia. & NOGUEIRA, Conceição. (2005). “Metodologias feministas: a reflexividade a serviço da investigação nas Ciências Sociais”. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 18, 3, p. 408-412.
- PADILLA, Beatriz. (2010). “Migraciones Transatlánticas y Globalización: Brasileños en tierras lusas y el poder de las redes sociales”. *América Latina Hoy*, 55, p. 85-114.
- _____. (2007). “Estado del Arte de las investigaciones sobre los brasileños y brasileñas en Portugal”. In: FLACSO (eds). *Latin America-Europe Migrations: What Challenges for Analysis and Politics?* Equador: OBREAL. p. 69-94.

_____. (2005). “A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise”, In: MALHEIROS, Jorge Macaísta. (org.), *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

PONTES, Luciana. (2004). “Mulheres brasileiras na mídia portuguesa”, *Cadernos Pagu*, 23: p. 229-257.

OLIVEIRA, João Manuel. (2010). “Os feminismos habitam espaços hifenizados – a localização e interseccionalidade dos saberes feministas”. *Ex æquo*, 22: p. 25-39.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci. (2008). “O feminismo desconstruindo e reconstruindo”. *Estudos Feministas*, 16,1: p. 229-245.

SAID, Edward. (1996). *Cultura e imperialismo*, Buenos Aires: Anagrama.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (1994). *Pela Mão de Alice, o social e o político na pós modernidade*. Porto: Afrontamento.

SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS (SEF). (2011). *População Estrangeira em Território Nacional*. Disponível em: <<http://www.sef.pt/documentos/59/Distritos%202008%20IV.pdf>>.